

fernando
Sabino

*O grande
mentecapto*

*Relato das aventuras e desventuras
de Viramundo e de suas
memoráveis peregrinações*

Romance

NOVA ORTOGRAFIA

BS
BestSeller

MANUAL DO PROFESSOR

BS
BestSeller

Sabino •fernando

O grande mentecapto

*Relato das aventuras e desventuras
de Viramundo e de suas
inenarráveis peregrinações*

MANUAL DO PROFESSOR



Elaboração do manual:

Cintia Barreto

Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ e

Curadora do projeto Conversa Literária.

Título	O grande mentecapto
Páginas	256
Autor (a)	Fernando Sabino
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	6
Tema (s)	Cidadania
Gênero Literário	Romance
Interdisciplinaridade	História e Sociologia

Romance é uma forma narrativa constituída pelos elementos estruturadores: espaço, tempo, enredo, personagens e narrador. Esses elementos nem sempre se encontram identificáveis explicitamente no texto.

CONVERSA COM O PROFESSOR

Caro professor, a cada geração a literatura toma para si a tarefa de criar um personagem que englobe toda a insatisfação social e aponte os defeitos, grandes e pequenos, no seio da sociedade, independentemente de classes ou épocas, seja com ácida verve ou sutil humor. Nesse sentido, Geraldo Viramundo, protagonista de *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, se enquadra em uma longa tradição que remonta a Dom Quixote de La Mancha e passa por outras figuras bufas, como Policarpo Quaresma e Macunaíma, na literatura nacional, ou Forrest Gump, na literatura norte-americana.

Por meio de relatos fictícios que teriam sido passados oralmente, o autor, ao mesmo tempo, se torna narrador e pesquisador das andanças e desventuras de Viramundo pelo estado de Minas Gerais, em uma sucessão de episódios burlescos que guardam pouca ou nenhuma relação entre si, mas juntos compõem uma epopeia de começo, meio e fim. Diante dos olhos inocentes e da moral firme, mas doce, de Viramundo, desfilam as mazelas e os absurdos da política, da guerra, da hipocrisia social, das religiões e da crueldade humana.

QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA

Fernando Tavares Sabino nasceu, em 1923, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Desde os 13 anos manifestava talento para a literatura, sendo constante colaborador de revistas locais e vencedor de concursos. Aos 16 anos, já conquistaria o segundo lugar na Maratona Nacional de Português e Gramática Histórica, empatado com Hélio Pellegrino, que se tornaria um de seus melhores amigos.

No ano seguinte, ingressaria no jornal *Folha de Minas*, na função de redator. Aos 18 anos, publicaria seu primeiro livro de contos e daria início a uma carreira aclamada por público e crítica, que se estenderia por dezenas de livros de diversos gêneros e vários prêmios, incluindo dois Prêmios Jabuti de Literatura (1980 e 2002).

Ao lado de Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos, formou o que viria a ser chamado de Grupo dos Vintanistas, em referência à pouca idade de seus integrantes; um coletivo de jovens intelectuais que debatia literatura, jornalismo e assuntos contemporâneos. Todos acabariam por deixar sua marca na literatura nacional nas décadas que se sucederam. Pa-

ralelamente, como jornalista, Sabino passou por grandes veículos como *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Senhor*, *BBC*, *Manchete*.

Em 1960, funda a Editora do Autor, ao lado de Rubem Braga, através da qual abre espaço para grandes nomes do cenário brasileiro e latino-americano. Sabino ainda fundaria a Editora Sabiá e a Bem-Te-Vi Filmes, na qual produziria curtas-metragens sobre escritores nacionais e uma série documental.

O grande mentecapto se encaixa em sua carreira como a culminação de um trabalho de 30 anos. Tendo começado os primeiros esboços do livro em 1949, as aventuras de Geraldo Viramundo ficaram perdidas até ganharem as prateleiras das livrarias somente em 1979. O resultado seria seu primeiro Prêmio Jabuti de Literatura no ano seguinte e uma adaptação cinematográfica em 1989, além de peças teatrais.

Fernando Sabino faleceu em 2004, às vésperas de completar 81 anos. De antemão, havia escrito seu próprio epitáfio e em sua lápide é possível ler a frase: “Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino!”

MERGULHO NO LIVRO

Nascido Geraldo Boaventura, último de uma família de 13 irmãos, o protagonista adquire uma existência mítica e assume diferentes epítetos ao longo de sua jornada pelo interior de Minas Gerais. O mais comum deles, Geraldo Viramundo, ou simplesmente Viramundo, é o adotado pelo narrador, que também lhe agrega o título de grande mentecapto.

Sua história, como a de muitos brasileiros, escapa dos registros oficiais e ganha vultos de fábula a partir de um apanhado de relatos transmitidos por via oral, que podem ou não estar relacionados ao mesmo indivíduo, cuja trajetória o narrador busca organizar. A memória se mistura com o folclore, flerta com o realismo fantástico e sintetiza, na verdade, as confusões de tantos anônimos sofridos, irmãos de descasos semelhantes, esquecidos, rejeitados pelas mesmas desigualdades sociais, levados ao sabor de forças que não controlam e que sucumbem diante do peso de vidas prosaicas salpicadas de tragédia e ridículo.

Em suas jornadas, Viramundo cruza o caminho com outras párias, seja a viúva que teve relações adúlteras com toda uma cidade

e é rejeitada pela hipocrisia machista, sejam os loucos, os deficientes físicos, os migrantes sem casa ou perspectiva, o vendedor de esterco, as prostitutas e outros marginalizados.

Poucos são os personagens que se fixam na vida do protagonista, andarilho de Minas Gerais. Entre eles, se destaca a jovem donzela, filha do governador do estado, que se torna, sem o saber, objeto do amor incondicional de Viramundo, transfigurada em Dulcineia de um Quixote sem moinhos. Do amor impossível e não correspondido brota o drama, um de vários, de uma narrativa que, à primeira vista, pode parecer cômica.

Elias, o cego, vítima da violência das autoridades, essa sim presença constante em *O grande mentecapto*, é outra figura cujo destino trágico exerce uma poderosa influência na queda de Viramundo.

A viúva apelidada de Peidolina é outro personagem recorrente e importante, a partir de seu papel tanto no início das andanças de Viramundo como na cena em que ele a defende de uma horda de linchadores e recebe uma pedrada ao tentar repetir a cena clássica de Cristo sobre a “primeira pedra”. Peidolina retorna no arco final, empoderada, mas ainda marginalizada, primeiro como cafetina, depois como comandante do exército de prostitutas que se junta ao levante orquestrado por Viramundo contra a ordem vigente em Belo Horizonte.

Não se pode ignorar a importância da morte de Pingolinha, colega de infância que busca repetir o gesto de Geraldo e parar o trem que passava próximo de casa. A culpa irá perseguir o protagonista por toda a vida, mas também servirá como sua bússola moral, visível em todos os momentos em que busca impedir que outros se firam, mesmo à custa de sua própria segurança.

Ocupando lugar de honra na narrativa está a própria Minas Gerais, tão conhecida de Sabino. Viramundo peregrina por loca-

ções históricas: seu mundo não é o mundo de todos, mas é Minas, em todos os seus recônditos e tradições. Cidades são enfileiradas e sua história se confunde com a geografia do estado. Estão presentes Barbacena, Rio Acima, São João del-Rei, Tiradentes, Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte e diversas outras, no que parece ser ao mesmo tempo uma declaração de amor à terra natal do autor e a constatação de que o global, o mundial, está contido em um recorte do local. A Minas de Viramundo é o Brasil e, por consequência, o local do excluído, de qualquer canto do mundo, em qualquer era. Com tantos personagens periféricos, contudo, é inegável que o livro gire e volte a girar sempre em torno da figura do grande mentecapto Geraldo Viramundo.

“Na composição de Viramundo, juntei um pouco de Geraldo Boi, Carlitos, Lazarillo de Tormes, Gargantua, Dom Quixote, Jaime Ovalle, Vinicius de Moraes, Hélio Pellegrino e de mim mesmo” (SABINO, 1988, p.173), esclarece o escritor em sua autobiografia. Da lista, apenas Geraldo Boi não é figura notória do grande público, mas um seminarista da juventude de Sabino, que serviu de fonte de inspiração para a fase em que o protagonista buscou a carreira de padre.

Na admissão de Lazarillo de Tormes e Dom Quixote como moldes para seu adorável vagabundo, o autor busca se situar na chamada tradição picaresca, notadamente espanhola. O romance picaresco, como gênero, floresceu na Europa entre os séculos XVII e XVIII, mas encontra sua herança mesmo nos dias atuais. Em suas tramas, acompanha um protagonista de origem humilde que logra sucesso em uma sociedade corrompida a partir do uso de sua sagacidade, muitas vezes confundida com malandragem.

O gênero surgiu como uma resposta, uma contracultura ao romance épico, ao romance de cavalaria, ao pastoril idílico, viventes em sua época. O picaresco funcionava como uma espécie

de revanche contra o herói perfeito, de origem nobre, e buscava desconstruir os pilares da sociedade com uma linguagem naturalista e fortemente calcada na sátira.

De fato, *O grande mentecapto* guarda muitas semelhanças com o romance picaresco. A saber: sua estrutura em forma de falsa biografia, o personagem principal de baixa classe social e rejeitado, um forte determinismo em relação a qualquer possibilidade de ascensão pessoal ou social, o aspecto itinerante de seu protagonista e um pendor para o naturalismo e o realismo em suas descrições da sociedade na qual o pícaro viceja.

Em contrapartida, Sabino rompe com essa tradição ao colocar a si mesmo como o narrador. No romance picaresco clássico, cabe ao “malandro” contar do seu ponto de vista suas próprias desventuras, sempre enfatizando sua esperteza e criticando aqueles que tentam tirar vantagem dele ou de quem ele tira vantagem. Sabino brinca com essa dissociação, assumindo uma posição de narrador que é simultaneamente enunciador, pesquisador, autor e até mesmo personagem.

A princípio, parece que irá tão somente se ater aos fatos que apurou e assumirá um papel imparcial, de mero enunciador do relato. No entanto, esse papel se esfarela com frequência, à medida que brinca com a narrativa, realiza intrusões, alterna entre a primeira e a terceira pessoa, se introduzindo como um personagem, se não das aventuras do protagonista, como um personagem igualmente carismático da história de Viramundo.

Nesse processo de contador de história, o narrador anônimo, que é o próprio autor e, ao mesmo tempo, não é, mas sim um *alter ego* do escritor, guia o leitor para uma visão humanizada do seu objeto de estudo. O leitor se envolve e o narrador se destaca, virando um novo personagem, fora da ação, mas dentro da construção do texto.

Por outro lado, se Sabino afirma, em mais de uma ocasião, que Geraldo Viramundo tinha muito de si e vice-versa, não consegue fugir muito, nesse aspecto, da exigência do romance burlesco de colocar o protagonista no comando da narrativa. O próprio livro entrega essa relação: “Este ser engasgado, contido, subjugado pela ordem iníqua dos racionais é o verdadeiro fulcro da minha verdadeira natureza, o cerne da minha condição de homem, herói e pobre-diabo (...), Viramundo! que um dia há de rebelar-se dentro de mim” (p. 190).

O *grande mentecapto* termina por se livrar das amarras que o prendem ao gênero com um protagonista ingênuo, que logra escapar de muitas confusões em que se mete mais por sorte que por engenho. Mais do que isso, Viramundo não é senhor de seu próprio caminho e é conduzido ao sabor do acaso de cidade em cidade, se torna vítima de sua própria inocência em muitas ocasiões e recebe o fim trágico daqueles que não conseguem se arvorar de sua sina.

Nesse sentido, ele se afasta de um Pedro Malasartes ou de um João Grilo, para se aproximar do ufanismo de um Policarpo Quaresma ou do romantismo quixotesco, onde se enquadra na loucura. Diante de uma realidade tão brutalizada e dividida, em que os oprimidos não têm vez e a moral é dúbia, aqueles que sonham com um mundo melhor e uma cidadania plena para todos e se recusam a passar por cima dos outros para se dar bem recebem a pecha da insanidade. Nesse sentido, assim como Quaresma ou o cavaleiro de La Mancha, o desfecho da paródia é trágico.

Dessa forma, Viramundo paga com seu próprio bem-estar: é apedrejado no lugar da viúva Peidolina, é conscrito ao serviço militar por ousar competir com o candidato oficial do governo à prefeitura de uma cidade, fica preso por um ano ao trocar de lugar com um prisioneiro em um gesto de boa-vontade, quase

toma uma surra ao defender uma prostituta etc. Ao final, no que deveria ser seu momento de triunfo ao liderar os desvalidos em uma revolta popular, termina morto na beira da estrada, confundido com um ladrão, linchado e enforcado, emulando simultaneamente as mortes de Tiradentes e de Cristo. Mesmo em seu derradeiro momento, Viramundo se preocupa com os companheiros e não consigo mesmo.

Sobre *O grande mentecapto*, Carlos Drummond de Andrade afirma no jornal *Estado de Minas*, na edição de primeiro de dezembro de 1979, em virtude de sua publicação: “(...) esta é uma obra de imaginação profundamente séria, e mesmo pungente, a despeito do autor, que a quis fazer burlesca e burlona, porém não resistiu à pressão interna dos personagens e das situações por eles vividas.”

PRÉ-LEITURA

Professor, para o trabalho com os estudantes, a partir de *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, você pode:

1. Solicitar um relato (oral ou escrito) a respeito de um personagem pitoresco de sua infância. Pode ser um vizinho, um parente distante, um colega. Incentivar que os fatos sejam exagerados para se obter um efeito cômico e cruzar os limites entre uma narração factual e o campo folclórico.
2. Levar em um CD, em um pendrive ou em um celular fotos ou vídeos de Minas Gerais, principalmente as cidades históricas que servem de cenário para as aventuras de Viramundo. Destacar sua arquitetura colonial e o ar de que o tempo não passou nesses lugares. Eles estarão participando de uma experiência sensorial e sinestésica, ou seja, aguçando seus sentidos, tal como faz a literatura.
3. Fazer uma roda de conversa sobre o tema “cidadania”. Perguntar se eles sabem o significado da palavra. Para tanto, levar cenas (em slides, cartolinas, desenhos...) em que a

cidadania ocorre ou não ocorre e pedir que eles falem o que veem ali, que descrevam o que está acontecendo nas cenas até chegarem sozinhos ao conceito de cidadania, que será ratificado ou retificado posteriormente para todos.

4. Solicitar que eles pesquisem o funcionamento de um manicômio e como mudaram o conceito e o tratamento da loucura, no Brasil e no mundo, no último século.

PÓS-LEITURA

Professor, neste espaço encontram-se propostas de atividades que podem ser feitas na escola, ampliando, dessa forma, ainda mais a relação dos estudantes com a leitura literária e com os conhecimentos linguísticos.

1. Dividir os estudantes em grupos de quatro a seis e solicitar que eles organizem um glossário com as palavras e expressões presentes no texto que tenham chamado mais a atenção deles. Ou seja, com quais palavras eles querem ampliar o repertório linguístico. O resultado poderá ser divulgado no mural da sala e/ou no site da escola.
2. Incentivar os estudantes a desenvolver palavras novas e seus significados em uma lista compartilhada com toda a turma. Sabino criou algumas palavras empregadas pelo narrador no livro. O nome dessa figura de linguagem é “neologismo”.
3. Escrever, em 20 linhas, uma possível continuação da narrativa. A partir de elementos de realismo fantás-

tico e fazendo uma referência cruzada a *O auto da compadecida*, mostrar como poderia ser uma recepção a Viramundo no Além-Vida, independentemente da religião do aluno.

4. Escrever um novo final para a história e apresentar à turma. Seria possível encontrar um desfecho feliz para as desventuras do grande mentecapto?
5. Escrever, de forma resumida, a história do ponto de vista do próprio Geraldo Viramundo. Essa atividade muda o foco narrativo e recoloca o pícaro no centro de seu próprio destino, sem a intervenção do narrador.
6. Transformar a história lida em história em quadrinhos (HQ). Para tanto, acessar o link do HagáQuê, que é um software pedagógico, um editor de histórias em quadrinhos: <www.nied.unicamp.br/?q=content/hag%C3%A1qu%C3%AA>.
7. Elaborar poemas a partir dos temas e/ou personagens retratados no livro. Em seguida, fazer um painel de poesia na sala de aula, ou no pátio.
8. Criar diálogos entre personagens que não dialogaram na história. Eles podem oferecer suas opiniões e pontos de vista sobre Geraldo e suas ações.
9. Assistir em grupo à adaptação cinematográfica realizada em 1989 e promover o debate com a turma e os grupos após a exibição.
10. Comparar as diferenças entre a linguagem cinematográfica e o texto original.

11. Inventar um novo episódio da vida de Geraldo Viramundo, encaixado em qualquer período de suas andanças por Minas Gerais.
12. Reproduzir o “debate político” realizado entre Viramundo e Praxedes Borba Gato na cidade de Barbacena. Discutir o que levou o autor a adotar essa brincadeira para retratar as eleições, em 1979, época do governo militar no Brasil. Relembrar o episódio da “receita de bolo de cenoura”, publicado no lugar de notícias censuradas no jornal *O Estado de S. Paulo*.
13. Escrever em formato de notícia o resultado da batalha de Belo Horizonte, como se tivesse sido publicado em jornal da época.
14. Escrever cartas com teor crítico a respeito de leitura da obra. Nas cartas, os alunos indicam a leitura, apresentando argumentos que comprovem sua indicação. Depois, elas serão depositadas em uma grande “caixa de correio”, que será confeccionada por professores e alunos. Essa caixa fará parte do material da biblioteca. Isso estimula a produção de textos críticos, proporcionando ainda a percepção de tendências e gostos da leitura por parte dos alunos.
15. Estimular os alunos a desenvolverem um personagem ao mesmo tempo cômico e trágico, que relata fatos exagerados de andanças pelo estado natal, visitando cidades conhecidas e se envolvendo em situações diversas. Esses relatos podem ser reunidos em um texto em forma de livro, confeccionado artesanalmente pelos próprios alunos. O protagonista poderá ser o próprio narrador, como

na tradição picaresca, ou o aluno pode funcionar como narrador. Durante a confecção das narrativas e do livro, a criatividade e a reflexão serão chamadas a agir. Essa atividade ajuda a valorizar sua percepção da sociedade e vocação para a sátira, criticando elementos presentes no dia a dia, sem perder o bom humor. Os livros produzidos serão levados pelos alunos para a família, como recordação das aulas de leitura e escrita.

16. Produzir panfletos que discutam aspectos políticos e sociais abordados no texto. Identificar similaridades entre a luta pelos direitos dos marginalizados nos anos 1970 e nos dias de hoje.
17. Escrever uma entrevista fictícia com o próprio Geraldo Viramundo.
18. Escrever uma canção inspirada na obra. Para tanto, dividir os estudantes em grupos de 4 a 6 pessoas. O resultado deve ser mostrado para a turma cantando.
19. Produzir, coletivamente, um vídeo sobre a vida de Viramundo e sobre as mazelas do mundo atual, misturando, dessa forma, realidade e ficção. Para tanto, utilize um software de edição de imagens.
20. Produzir uma peça de teatro adaptando a obra literária ou o filme. Envolver toda a turma. Os alunos que não estiverem em cena poderão fazer parte da produção, maquiagem, figurino, cenário e divulgação para outras turmas assistirem.

INTERDISCIPLINARIDADE

O *grande mentecapto*, de Fernando Sabino, apresenta informações complementares que podem servir de base para um trabalho interdisciplinar. Isso porque apresenta aspectos relacionados à Língua Portuguesa, História, Geografia e Sociologia. Dessa forma, a obra insere-se, perfeitamente, no tema “o mundo natural e social”. A interdisciplinaridade está presente na narrativa.

Interdisciplinaridade é um conceito dos meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito, atualmente, bastante conhecido, ainda encontramos resistência, aqui e ali, na utilização de métodos interdisciplinares em suas rotinas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina.

Em *O grande mentecapto* é possível estabelecer, dessa forma, um diálogo e atividades de cunho interdisciplinar. A temática

da cidadania e as desigualdades sociais, por exemplo, aparecem na obra de forma natural, e cidades mineiras, inclusive históricas, servem de cenário ao longo de todos os relatos. Isso posto, podem planejar atividades de aulas os professores de Literatura, Português, História, Geografia e Sociologia, a fim de explorar estes conceitos presentes no livro.

Por fim, é preciso atentar para a elaboração de práticas de leitura que primem pela interdisciplinaridade em sua gênese, que permitam o diálogo entre disciplinas diferentes, descobrindo e organizando conteúdos comuns e possibilitando a ampliação de conhecimentos diversificados.

Para saber mais...

BIBLIOGRAFIA

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. Relato das aventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

SABINO, Fernando. *O tabuleiro de damas: Trajetória do menino ao homem feito*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

CASTRO, Maraiza Almeida Ruiz de. “O grande mentecapto e a ditadura no Brasil.” *RevLet — Revista Virtual de Letras*, v. 09, nº 01, jan/jul, 2017. ISSN: 2176-9125.

GONZÁLEZ, Mário Miguel. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988.

WEBLIOGRAFIA

Releituras

http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp

IMDB

<https://www.imdb.com/title/tt0239016/>

Revista Pessoa

<https://www.revistapessoa.com/artigo/2424/o-grande-mentecapto>

